

Actas do XIX Congreso Internacional
de Lingüística e Filoloxía Románicas

Universidade de Santiago de Compostela, 1989

Publicadas por Ramón Lorenzo

VI

Sección VI. Galego

Sección VII. Romania Nova

FUNDACIÓN "PEDRO BARRIÉ DE LA MAZA, CONDE DE FENOSA"

A CORUÑA, 1994

Observações sobre o português de Moçambique

Pilar Vázquez Cuesta

(Universidade de Santiago de Compostela)

O processo de geração de variantes nacionais da língua portuguesa nos Estados africanos que a declararam oficial ou veicular parece estar já em andamento¹. Ao menos nos dois mais importantes em termos de extensão territorial e de demografia: Angola e Moçambique.

Considerada em ambos, depois da independência, insubstituível, por já experimentado, instrumento de trabalho para o aparelho burocrático estatal, a mais acessível via de penetração no universo da Ciência e da Técnica modernas de que hoje dispõem os seus cidadãos e sobretudo o elemento básico da unidade nacional não tanto por servir como o mais prestigioso e inócuo meio de comunicação entre os falantes dos diversos idiomas autóctones que se repartem o país quanto por representar o seu principal traço diferenciador frente a vizinhos integrados nas áreas francófona ou anglófona, a língua portuguesa é neste momento acarinhada pelas autoridades angolanas e moçambicanas mais do que o fora durante o período colonial.

Se desde a sua fundação o MPLA e a FRELIMO escolheram o português como principal veículo verbal da sua mensagem político-ideológica por julgá-la a melhor arma com que podiam contar para a preservação da integridade territorial da sua pátria, chegados ao poder, fizeram dele a única língua escolar, administrativa e militar de Angola e de Moçambique, assegurando assim não já a sua sobrevivência no Continente Negro mas a sua expansão geográfica e social com a progressiva transformação em bilingues dessa grande massa de monolinguês em línguas africanas que ainda hoje constituem a maior parte da população dos dois países.

No que diz respeito a Moçambique, de início nem sequer os líderes dos movimentos de libertação nacional dominavam o português – como punha de relevo o Prof. Fernando Ganhão, Reitor da Universidade de Maputo, em Outubro de 1979, num discurso proferido no *I Seminário Nacional sobre o Ensino da Língua Portuguesa* que estava a realizar-se nessa cidade:

"A grande maioria dos homens que constituíam os três movimentos que, fundindo-se, criaram a Frelimo, não dominavam nem utiliza-

